

# L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS

*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLII, número 36 (2.176)

Cidade do Vaticano

Sábado 3 de Setembro de 2011

Na audiência geral o Papa falou sobre a beleza da arte

## Alfabeto colorido



Marc Chagall, «O Paraíso» (1961, Nice, Museu nacional Mar Chagall)

Durante séculos os pintores «moharam o seu pincel naquele alfabeto colorido que é a Bíblia». Bento XVI citou uma expressão de Marc Chagall para reafirmar a convicção de que a arte é um dos caminhos mais sugestivos e eficazes para encontrar Deus. Falando aos fiéis que foram a Castel Gandolfo para a audiência geral de quarta-feira 31 de Agosto — que teve lugar na praça diante do Palácio Pontifício — o Papa convidou a redescobrir nas expressões artísticas uma «parte daquela “via pulchritudinis” que hoje o homem deveria recuperar no seu significado mais profundo».

Nesta perspectiva — explicou — a obra de arte torna-se «uma porta aberta rumo ao infinito, a uma beleza e verdade que vão além do quotidiano». Uma experiência que todos podem fazer diante de uma escultura, de um quadro, de uma obra arquitectónica, de uma poesia ou de um trecho musical. É que Bento XVI confidenciou ter vivido várias vezes, recordando em especial os sentimentos que um trecho de Bach suscitou nele durante um concerto dirigido em Munique por Leonard Bernstein.

PÁGINA 16

No Angelus a recordação de que a cruz não é uma derrota

## No projecto de amor de Deus o homem encontra-se a si mesmo

*O homem encontra-se verdadeiramente a si mesmo não no «sucesso social» nem no bem-estar físico e económico», mas no «projecto de amor de Deus». Disse o Papa no Angelus recitado no domingo 28 de Agosto com os fiéis reunidos no Pátio do Palácio Pontifício de Castel Gandolfo.*

Queridos irmãos e irmãs!

No Evangelho de hoje, Jesus explica aos seus discípulos que deverá «ir a Jerusalém e sofrer muito por parte dos anciãos e dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas, ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar» (Mt 16, 21). Tudo parece inverter-se no coração dos discípulos! Como é possível que «Cristo, o Filho de Deus vivo» (v. 16), possa sofrer até à morte? O apóstolo Pedro revoltava-se, não aceita este caminho, toma a

palavra e diz ao Mestre: «Deus Te livre de tal, Senhor, isso não há-de acontecer» (v. 22). É evidente a divergência entre o desígnio de amor do Pai, que chega até ao dom do Filho Unigénito na cruz para salvar a humanidade, e as expectativas, os desejos, os projectos dos discípulos. E este contraste repete-se também hoje: quando a realização da própria vida está orientada unicamente para o sucesso social, para o bem-estar físico e económico, já não se raciocina segundo Deus, mas segundo os homens (cf. v. 23). Pensar segundo o mundo significa pôr Deus de lado, não aceitar o seu projecto de amor, impedir-lhe quase de realizar o seu querer sábio. Por isso Jesus diz a Pedro uma palavra particularmente dura: «Afasta-te, Satanás! Tu és para Mim um estorvo» (Ibid.). O Senhor ensina que

Para uma verdadeira solução da crise

## O horizonte de Noé

ETTORE GOTTI TEDESCHI

Albert Einstein afirmava que a realidade, para poder ser explicada e enfrentada, deve ser simplificada e não tornada ilusoriamente mais simples. Saber simplificar situações complexas é qualidade dos líderes, fazer passar como simples algo que ao contrário é complicado, é defeito dos inexperientes. Hoje intui-se que em todo o mundo ocidental se procura explicar a crise económica de modo aparentemente simples, indicando soluções facilmente realizáveis a curto prazo, mas sem se perguntar se estas presumíveis soluções não podem até agravar a própria crise.

A dívida pública contraída pelos vários países não foi produzida em contextos assimiláveis e portanto não pode ser analisada de modo homogéneo. Na realidade, a sua dimensão, o seu custo e a possibilidade de renovação no vencimento — variantes que preocupam tanto os mercados como os governos — só podem ser reduzidos e absorvidos, numa fase de dificuldade como a actual, com o crescimento da economia. O levantamento fiscal em todas as suas formas, sem uma verdadeira estratégia de crescimento, que de resto está em contradição com o próprio levantamento fiscal, só permite aumentar ulteriormente a despesa pública, inevitável para permitir intervenções económicas na ausência de desenvolvimento. O crescimento, num momento como este, só se obtém com o uso oportuno dos recursos disponíveis, para favorecer as empresas que criam ri-

queza e ocupação sustentável, pagam os impostos e assim permitem absorver a dívida.

Tributos patrimoniais, novos impostos ou sucedâneos semelhantes, durante uma crise prolongada, reduzem ou anulam os recursos para os investimentos, desencorajam a confiança dos investidores, penalizam o custo da dívida pública e as possibilidades de renovação no seu vencimento. Neste contexto, impor taxas sobre o património e a renda equivale a uma contra-subsidiariedade suicida do Estado em relação ao cidadão. Quem possui patrimónios lícitos, sobre os quais pagou justos impostos, contribuiu para criar riqueza e, precisamente graças a eles, continua a produzi-la com investimentos e consumos.

Ulteriores levantamentos fiscais não seriam sinónimo de solidariedade, mas só de uma maior despesa pública e talvez de uma dívida mais alta e de uma pobreza mais difundida. Tributos elevados penalizam a poupança, geram desconfiança na capacidade de estimular a retomada, sacrificam as famílias, impedem a formação de novos núcleos familiares e criam incerteza e precariedade do trabalho. Em síntese, lançam os pressupostos para uma outra fase de desenvolvimento não sustentável. Esta é a realidade a explicar, evitando, para o dizer com Einstein, ilusórias simplificações. Cada obra importante, para ter êxito, deve ser clara no contexto, nos objectivos, nos recursos necessários e na sua organização. Portanto, as soluções globais autênticas da crise devem ter em consideração o que a originou, a sua amplitude, o tempo e os meios necessários para a resolver. Ou seja, é necessário alcançar um horizonte mais vasto. Como faz Noé que, elevando o olhar, conseguiu ir além de si mesmo e salvar a humanidade.



«o caminho dos discípulos é seguir o Crucificado [ir após Ele]. Nos três Evangelhos explica contudo este seguiu-l'O no sinal da cruz... como o caminho do “perder-se a si

CONTINUA NA PÁGINA 16

### NESTE NÚMERO

*Pág. 2:* uma missão no meio dos Índios; *pág. 3:* o Papa celebrou missa com os seus ex-alunos; *pág. 4:* O léxico do mal, por Anna Foa; *pág. 5:* Para gerir a novidade sem esquecer as próprias raízes, por Alejandro Llano; *pág. 6:* Deus em Madrid, por Mario Vargas Llosa; *pág. 7:* Há necessidade de outro Chateaubriand, por Lucetta Scaraffia; *págs. 8/9:* Concerto em honra do Papa; *pág. 10:* faleceu o cardeal Ambrozic; *pág. 11:* o risco de escrever, por Enrico Reggiani; *pág. 12:* As religiões e o compromisso da paz, por Andrea Riccardi; *pág. 13:* Quando a Biblioteca Vaticana aprendeu a falar americano, por Paolo Vian; *pág. 14:* a mariologia na exortação apostólica pós-sinodal «Verbum Domini».